

Pandemia (de/para) quem

Adriano Henrique Bastos Muniz¹

Este é um relato de pandemia. A mundial e a que eu criei desde o começo do ano. Por formação, sou artista pela Universidade Federal do Pará, documentado para dar aulas e legitimação para participar de mestrados e doutorados e afins. Já se passaram cinco anos de formado e até agora nunca fui para sala de aula e muito menos fui à academia voltar às minhas atividades catedráticas. Enfim, a vida dificulta tudo e, tenha a palavra vida como o grande termo “guarda-chuva” para mazelas que temos passados. Consegui um suporte em um museu em Salvador, na Bahia. Mediador. Tornei-me mediador. Mas como em qualquer instituição que passa por dificuldades – nada muito diferente do que se vive em no restante do país – logo minha função não passava de um comentador de assuntos (ir)relevantes para os que paravam para ouvir o protótipo de professor. Meu desgaste estava aí, um trabalho que reconhecia um átomo de todo um conjunto que eu sou. E como uma peça descartável para esta instituição, fui embora. Ou melhor “a pandemia estimulou alguns cortes, alguns sacrifícios”. Não importa o quão bom és, na base operária vai-se ouvir que iguais a você há dezenas, centenas e quem sabe milhares, que fazem mais e melhor (leia-se melhor como mais barato também).

Enfim pandemia, uma delícia com sabor de dor e morte, que é injetada na veia diariamente, efeito imediato, assim como Freud² que tomava cocaína como laranjada no fim de tarde, para dar um pico de atenção. “Tensão somente, para mim!” pensei, após ver esta cena numa série da locadora vermelha; estava com uma liberdade ou algo parecido, após muito tempo de confinamento tóxico – de carteira assinada –, que esta “liberdade” não era a liberdade, era apenas uma nova regulamentação para o meu cotidiano. Dei conta disso no terceiro dia de isolamento pandêmico. Não estou livre, de novo. Ganhei uma condicional onde sofro de manhã e volto para minha cama de espinhos a noite.

O tempo para criar vem agora largo como uma grande avenida, tingida de cores que adoro, para a psicologia das cores são cores que demonstram a raiva (vermelho), estímulo (amarelo, laranja), depressão, tristeza (azul). Elas me atravessam sempre, sou um fluxo de imagens sob o regime da obsolescência e a pintura serve para evocar não-memórias; uma

1 Formado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará em 2015, email: drian0@hotmail.com

2 Serie ficcional que acompanha uma parte da vida do psicanalista Sigmund Freud.

pintura automática. E por uma quase alegria irônica ver que deste mesmo padrão primário de cores e linhas como em gráficos que mais parecem exercícios motores, sempre ascendentes; temos as referências para ler os índices de contaminação e morte no país. Eu estou cheio de imagens de dor, ou no mínimo de um desconforto, entretanto a minha dor tem gritado no meu ouvido como um zunido permanente. Escuto um bom reggae, como agora, enquanto escrevo, mas está ali num volume para não me esquecer de que o eu e eu³ estamos neste plano. Um plano quase bidimensional: sou bom ou sou mau, se estou bem ou não, se sou da esquerda ou direita, se eu saio ou não saio.

O meio tem um impacto substancial no meu ser. Salvador tem sua peculiaridade, aqui se vive, vive com seu extremo peso forjado em algia territorial de 520 anos e aqui sou um corpo, que segue uma parte ínfima, um quase nada do que o soteropolitano é.

A minha presença é muito mais de um NPC⁴ (aliado) enquanto outros estão jogando ou sendo jogados por um usuário. De toda forma, existe um movimento que é tão intenso que seu auge é no carnaval, movimento que só é percebido pelo Brasil e Mundo (por uma fauna que busca saciedade lasciva, pois aqui, mais do que tudo, somos do país do futebol, samba, sexo e da família tradicional cristã) no começo ou fim de fevereiro. Isto é energia humana que um confinamento não pode represar. E esta energia deve, precisa, tem que ir para algum lugar. À rua! A rua é a casa de todos. A rua é onde estão todos. É onde a doença também está.

Está mesmo!? Não importa, a posse da rua é de povo, de preferências em uma aglomeração pois só em massa são vistos. Assim, perde-se o pronome plural para o singular: a massa, a multidão, a aglomeração, o povo. Mas afinal o que é a violência da submissão, senão uma lembrança da mesma, velha e boa amiga escravidão? Qual diferença há entre a multidão das comunidades em casas, barracos onde cabem de 3 a 9 pessoas e uma rua com um paredão⁵? Ver pela tevê e em poucas partes da cidade o vazio da ocupação (Vista da Rua II – imagem 1) gera este estranhamento, afinal a fabricação da violência como entretenimento está aí nos 70 anos da tv aberta (comemorada neste ano de 2020). Então logo, qual a diferença há entre fome, desemprego, inflação, divisão política, tráfico, violência policial, para uma “Corona”, uma “gripezinha” quando o resultado para todas é a morte; o ponto final de uma existência e a tv edita e torna tudo isso consumível, finaliza-se com um fadeout e a música abaixando.

3 Expressão usada na religião rastafari difundida pelo estilo musical reggae como um cumprimento de respeito onde não há superioridade entre os iguais.

4 Non-player Character termo do inglês usado para descrever personagens em jogos eletrônicos não controlados, de pouca, limitada ou nenhuma interação com quem está jogando.

5 Evento musical popular onde são usados carros com sistemas de som potente e, quase sempre, é difundido o pagode baiano ou “pagodeira”, que exaltam tanto liberdade sexual como violências e/ou crimes.

6 Entre aspas pelo pouco caso dado ao início da pandemia e homônimo à uma marca de bebida.

E se é de confinamento contra a vontade, desse assunto eu entendo. Minha infância é distribuída entre Fortaleza-CE e Belém-PA, minha cartografia afetiva é limitada em sua máxima à metragem interna de uma casa em São Cristóvão e Marambaia, bairros periféricos, respectivos as cidades já citadas, onde insegurança e dificuldades eram as entidades mais próximas, sitiando a todos em suas módicas residências. Logo, pela quietude deste ser, aprendi a empatia pelo outro, afinal, a engolir uma dor e finitude que se consome em um ato, ou uma vida que não teve a chance de subir num palco. E estas palavras adoçam a realidade.

E esta ausência de personagem, torna presente a lembrança e força de (r)existir. E por este motivo escrevo estas linhas, quem sabe, do ser artista – ainda e por parte de uma vida – confinado. E há a ruptura de identidade, isto é, a ausência do que é ser amazônida. Este deslocamento é de um olhar respeitoso aos que me acolheram. Faz-me perceber a humanidade em pequenos gestos em semelhança e diferenças do cotidiano, reconhecidos em todos os lugares, assim sou, d’alguma maneira, o belenense em terrabrasilis.

De minha parte, a contribuição à todes, em mesma situação, são tentativas de diálogos com papéis tingidos por aquarelas, que dizem muito mais do meio que eu sou/estou. Entendi que o que eu faço pode ser interpretado como não-acadêmico, não-mercadológico, não é para galerias, não é arte, não é design. Então assumi que o não-lugar das minhas não-coisas é onde vão ficar. Em retrospectiva, vejo que eu não percebi este não-lugar como minha residência, somente a partir deste texto entendo-me assim. A pandemia/confinamento tornou-me sensível a este signo de não pertencimento. Pois era uma caminhada solitária que não tinha nome. E também, se é para estar com alguém, que eu saiba suportar a mim mesmo até sua última instância. Vou tentar criar ou ajudar uma ancestralidade que gerará um legado e pode ser uma pequena vírgula de um texto de uma geração. Também alegra-me ser um/o alguém que ajudou a trazer esperança de que nem todos estão sozinhos, só não sabiam que chamavam a esta casa por vários nomes e que tinha mais gente, muito mais gente.



Vista da Rua II. Salvador-BA. 2020. Aquarela. Adriano Muniz

Referência

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade [livro eletrônico]. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 2018. 217 Kb; ePub

